

A ESCOLA COMO CÁRCERE OU COMO PRÁTICA DE LIBERDADE.

Autora: Ana Carolina Almeida Bezerra; Orientadora: María Del Pilar Tobar Acosta.

Instituto Federal de Brasília-Campus São Sebastião

(Cdae.cssb@etfbsb.edu.br)

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço que, em teoria, seria destinado a formação de cidadãos, mas há uma constatação pelas pessoas que participam da realidade escolar de que a realidade está muito distante do que seria ideal. Mas, isso é o que se pode sentir na vivência escolar, entretanto é necessário colocar a realidade da escola em foco a partir da ciência para podermos compreender melhor o que ocorre, como ocorre e, assim, podermos propor uma reflexão que possa contribuir para superarmos problemas que possamos mapear na pesquisa que, ora propomos.

A constatação de que há muitas semelhanças na estrutura de presídios, hospícios, conventos, zoológicos e escolas é a tese descrita no livro *Vigiar e punir* (FOUCAULT, 2011). O filósofo francês analisa como a sociedade desenvolve técnicas para controlar as pessoas e torná-las úteis aos interesses de quem exerce o poder. Há várias formas de procedimentos, dentre os quais, podemos destacar (i) a transformação de pessoas em corpos dóceis, e, portanto, utilizáveis para a realização do que quem detém o poder espera; (ii) o adestramento, em que seres humanos são treinados para realizar tarefas sempre da mesma maneira, nos mesmo horários, obedecendo rígidas estruturas hierárquicas e sem questionamento; e (3) o panoptismo (visão total) conforme o qual todos vigiam a todos o tempo todo, controlando a ação dos seres humanos.

METODOLOGIA

Afim de estruturar nosso estudo, elaboramos três questões de pesquisa centrais que nos servirão de orientação para nossos procedimentos de pesquisa: (1) Se e como a falta de liberdade no espaço escolar afeta os estudantes?; (2) Se e como a falta de liberdade no espaço escolar afeta os professores? (3) São possíveis práticas de formação e interação não hierarquizadas? Desenvolvemos um estudo acerca da percepção da violência no ambiente escolar, a partir de questionários aplicados junto à comunidade de alunos e servidores de escolas de ensino médio do Distrito Federal, a partir dos quais coletamos dados que foram organizados e analisados com base em categorias. Esses dados foram analisados com base em categorias discursivas da Análise de Discurso Crítica (RESENDE; RAMALHO, 2006. RAMALHO; RESENDE, 2011; ACOSTA, 2012), focalizando a representação de práticas sociais realizadas no contexto de diferentes espaços escolares – salas de aula, reuniões de conselho de classe, sala de professores/as, pátio escolar, entre outros. Essas análises foram trianguladas com análises da estrutura arquitetônica das escolas focalizadas, sendo que pudemos verificar uma relação bastante estreita entre o tipo estrutura física e as práticas descritas.

RESULTADOS

A partir das categorias de significado de palavras e de representação de atores sociais, pudemos analisar a realização do significado representacional em textos de respostas a questionários que foram aplicados virtualmente. Constatamos que a maioria das pessoas se sente impactadas quando se fala da escola como cárcere, e nem todo mundo concorda que existam práticas similar a de prisões. A escola como espaço de apassivação dos corpos - Vigiar e punir – foram questões presentes nesta pesquisa, tanto alunas/os como professores/as dizem não se sentir confortáveis para expressar suas opiniões no ambiente escolar. 75% das pessoas sentem que há relação de poder entre aluno e professor, também dizem que a forma como as carteiras são distribuídas pode prejudicar ou beneficiar a convivência com seus colegas e professor de classe. O estudo mostra também que a escola carcerreira pode ser aquela que o/a aluno/a desenvolve seus conhecimentos com base nos métodos de seu/sua professor/a, não tendo liberdade para opinar. Já a libertária é que em vez de vigiar e punir, corrigir, de forma que o aluno não se sinta oprimido. Nessa perspectiva, consideramos que a prática de ensino-aprendizagem pautada na iniciação científica apresenta-se como uma estratégia extremamente pertinente para a formação de jovens como cidadãos/ãs colaborativos/as, e ao mesmo tempo, permitiu a relação direta das epistemologias tipicamente veiculadas no ambiente do Ensino Médio e a produção de conhecimento em nível superior. Além disso, pudemos constatar a eficiência das práticas libertadoras em termos dos resultados atingidos pelos/as estudantes.

Mesmo sendo possível analisarmos, por meio da experiência, ora exposta, diversos resultados positivos da educação para a ciência, há ainda muitos aspectos que devem ser investigados, o que abre espaço para uma cadeia dialógica deste com outros trabalhos que visem compreender de que maneira a educação em nível básico, por meio do prisma libertador, pode ser aprimorada com o incremento das práticas de iniciação científica.

PRODUTOS DA PESQUISA

Ter acesso a saberes desenvolvidos por grandes pesquisadores/as na área de linguística e ciências sociais impactou diretamente a maneira como percebemos a realidade que nos é imediata. Por estarmos concluindo o ensino médio, vivenciamos muito daquilo que estivemos pesquisando e, nesse cenário, pudemos desenvolver um curta-metragem “A saúde mental no âmbito escolar pela perspectiva dos alunos”. Ao observarmos problemas dentro de sala de aula com alguns/mas colegas, ampliamos o escopo da pesquisa inicial e procuramos algumas soluções. O curta foi feito para o 4 festival de curta-metragem do IFB e foi exibido no CONECTA IF 2018. Dentre as principais doenças que a saúde mental causa aos alunos, está a depressão e a ansiedade, o que os afetam muito dentro e fora do ambiente escolar. Muitos alunos preferem evadir e não voltarem mais as escolas por causa desses transtornos, o que acontece muito hoje em dia. Fizemos este curta para procurarmos soluções para este grande problema e percebemos que poderiam haver mais rodas de conversas, debates, consultas com a psicóloga e até mesmo com professores para quem sofre com essas coisas nas instituições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos dessa forma que a escola é um lugar de liberdade a partir de que os alunos tenham autonomia para tomar certas decisões em suas vidas e que tenham conhecimentos não só com base no que o professor fala, mas procurando ampliá-los transcendendo as barreiras da sala de aula. O aluno pode ser livre, e pode tornar o ambiente escolar um lugar agradável, assim como os professores, trabalhando juntos. Entretanto, a escola carcereira continua existindo se não nos movermos para mudar isso. Além dos objetivos que esperávamos alcançar, tais como o desenvolvimento da autonomia dos estudantes e da melhora da autoestima enquanto produtores de conhecimentos, a dinâmica que estabelecemos possibilitou-nos observar outros resultados positivos. Dentre estes, a atividade de pesquisa realizada permitiu à estudante a construção de redes de cooperação que se formaram a partir da identificação de interesses comuns, tal como será aprofundado

Nessa perspectiva, consideramos que a prática de ensino-aprendizagem pautada na iniciação científica apresenta-se como uma estratégia extremamente pertinente para a formação de jovens como cidadãos/ãs colaborativos/as, e ao mesmo tempo, permitiu a relação direta das epistemologias tipicamente veiculadas no ambiente do Ensino Médio e a produção de conhecimento em nível superior. Além disso, pudemos constatar a eficiência das práticas libertadoras em termos dos resultados atingidos pelos/as estudantes.

Mesmo sendo possível analisarmos, por meio da experiência, ora exposta, diversos resultados positivos da educação para a ciência, há ainda muitos aspectos que devem ser investigados, o que abre espaço para uma cadeia dialógica deste com outros trabalhos que visem compreender de que maneira a educação em nível básico, por meio do prisma libertador, pode ser aprimorada com o incremento das práticas de iniciação científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, M. P. T. porta da rua, serventia de quem? – análise discursiva crítica de textos do jornal O Trecheiro. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica (Linguística). Brasília, 2011.

_____. Vozes da rua em Ocas" e em o Trecheiro. Dissertação de mestrado (Linguística), Universidade de Brasília. ACOSTA, M. P. T.

RESENDE, V. M. Análise de discurso crítica: reflexões sobre a investigação discursiva de contextos organizacionais de resistência. In MARCHIORI, Marlene (Org.). Coleção Faces da Cultura e da Comunicação Organizacional Linguagem e discurso v. 7 1. ed. São Caetano do Sul: Difusão / SENAC, 2014.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre. Bookman, 2004.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão.

Ana Carolina Almeida Bezerra
Instituto Federal de Brasília-Campus São Sebastião
(Cdae.cssb@etfbsb.edu.br)